

RACISMO E A MOBILIDADE DOS CORPOS NEGROS

RACISM AND THE MOBILITY OF BLACK BODIES

Günter Bayerl Padilha ¹[0000-0002-7832-0202]

¹ Faculdades EST
gunterpadilha@gmail.com

Resumo. A mobilidade de corpos negros tem provocado manifestações racistas e xenófobas nos países receptores tanto no Norte global quanto no Sul global. As sociedades receptoras de migrantes negros têm explicitado de maneira contundente e violenta sua aversão às pessoas negras. Estas manifestações racistas foram relatadas pelos haitianos, quando realizei meu trabalho de campo na cidade catarinense de Itapema e coletada nos meios de comunicação que publicaram ações racistas contra pessoas que emigram do Brasil e contra imigrantes que chegaram ao país. Assim sendo, esta apresentação se baseia por vezes na etnografia e por outras na etnografia virtual para identificar as ações racistas produzidas contras migrantes brasileiros e, também, contra as pessoas de várias nacionalidades que escolheram o Brasil como seu destino. Portanto, conclui-se que a negritização da migração tem provocado nas sociedades receptoras o crescimento de manifestações racistas porque o corpo negro é percebido um intruso tanto nos países do Norte quando Sul global.

Palavras-chave: 1. Racismo, 2. Migração, 3. Xenofobia

Abstract. The mobility of Black bodies has provoked racist and xenophobic manifestations in receiving countries in both the Global North and the Global South. Societies receiving Black migrants have expressed their aversion to Black people in forceful and violent ways. These racist manifestations were reported by Haitians during my fieldwork in the city of Itapema, Santa Catarina, and were also collected from media outlets that published reports of racist actions against people emigrating from Brazil and against immigrants arriving in the country. This presentation is therefore based at times on ethnography and at other times on virtual ethnography in order to identify racist actions directed against Brazilian migrants and against people of various nationalities who have chosen Brazil as their destination. It concludes that the Blackening of migration has produced an increase in racist manifestations in receiving societies, because the Black body is perceived as an intruder in countries of both the Global North and the Global South.

Keywords: Racism; Migration; Xenophobia

1 Introdução

A mobilidade de pessoas negras não é algo novo, porque ao longo da história as pessoas negras se deslocaram por várias razões. Entretanto, segundo Joseph (2021), o feminismo trouxe à tona a necessidade de incluir nos estudos sobre a migração a interseccionalidade de sexo, classe, gênero, raça e nacionalidade. Assim sendo, ao

conceituar a negritude da migração o autor postula que as pessoas negras teorizam as migrações e são agentes históricos, são protagonistas de mudanças sociais.

Neste sentido, a mobilidade das pessoas negras com agência e sujeitas da migração implica em percebê-las como pessoas que enfrentam na sociedade receptora manifestações xenófobas e racistas. Segundo Jessé de Souza (2021), o racismo se dá a conhecer por uma gramática que justifica a exploração e destruição das pessoas negras por meio da falseada meritocracia. O racismo torna as pessoas não brancas em diferentes por meio de processos que inclui discriminação, preconceito e relações de poder. Este processo de criar diferença possuem com critério a pessoa branca (Kilomba, 2019).

Nos países do Norte e Sul global as pessoas negras são tidas como intrusas, ilegais e invasoras. No Brasil a partir de 2010, quando se intensifica a migração de pessoas oriundas do Haiti e de países da África, o fluxo migratório de pessoas negras recebeu atenção dos meios de comunicação conforme está registrado no acervo *on-line* do jornal *Folha de S. Paulo*, no qual estão matérias jornalísticas que contribuem para gerar uma ideia de que a segurança nacional está em perigo devido a “invasão” dos imigrantes. Além disso, as matérias geram uma visão negativa dos imigrantes quando utilizam termos como “ilegal” e “invasor”. A abordagem jornalística, de certa maneira, fornece elementos para a construção de uma visão preconceituosa, xenofóbica e racista da população brasileira em relação aos recém-chegados ao país (Silva, Magalhães, & Assis, 2016).

A negritude das migrações é percebida em diversas partes do planeta, nas caravanas que partem dos países da América Central na direção dos Estados Unidos da América e pelas embarcações que cruzam o Mediterrâneo em direção a Europa. As pessoas negras que migram contribuem para a reformulação das leis migratórias nos países que escolheram para viver e questionam as estruturas racistas destes países. Sendo assim, a negritude das migrações é uma resposta contundente contra o racismo e xenofobia que afeta as pessoas não brancas que migram, afirma Joseph (2021).

No Brasil, o racismo contra imigrantes negros foi evidenciado pelos meios de comunicação a partir da circulação das notícias do espancamento até a morte de Moïse Mugenyi Kabagambe, congolês de 24 anos, ocorrido no dia 24 de janeiro de 2022 em um quiosque na orla da praia da Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro (Longo, 2022). Depois, em Curitiba-PR, foi noticiado outro fato emblemático de racismo denunciado pelos pais de Mary Kayne Belotte Elysse, haitiana de quatro anos. Segundo Reginaldo, pai de Mary, a filha vem sendo vítima de racismo, na escola, por parte de um colega de turma, que a teria chamado de “cocô” e cuspidado nela. Além disso, teve o pulso fraturado por ter sido derrubada pelo mesmo colega, que provocou as outras agressões. A indignação de Reginaldo é que diante do racismo praticado contra sua filha Mary a instituição de ensino não tomou nenhuma providência (Geral, 2022).

Outro caso de racismo contra imigrantes ocorreu no ano de 2015, em São Paulo, quando três angolanos foram espancados por policiais no bairro do Brás após ele terem se envolvido em uma briga com três homens que os xingaram de “macaco”. Na ocasião os angolanos foram autuados por causa da briga e sofreram agressões verbais e físicas. No mesmo bairro, em 2012, a estudante angolana de 26 anos, Zulmira, foi assassinada a tiros em um bar. Antes do ocorrido o autor dos disparos entrou no bar e xingou a todos de “macaco” (Santos, 2016).

A imigração haitiana para o município de Itapema-SC se deu após o terremoto no dia 12 de janeiro de 2010, que devastou a capital do Haiti, Porto Príncipe. (Fernandes & Farias, 2016; Magalhães L. F., 2016; Dutra, 2016). Durante a realização do trabalho de campo em Itapema (SC) uma jovem relatou sobre como era tensa sua relação com as pessoas brasileiras no ambiente de trabalho. Ela conta:

Na empresa que trabalhamos, tem gente que não quer trabalhar consoco. Eles dizem que não são racistas, mas podemos perceber pelo jeito que eles falam que são racistas. Porque eu faço café na empresa em que estou trabalhando e tem gente que não toma o café porque sou haitiana (Padilha, 2020).

Outra situação na qual as pessoas haitianas sofrem intolerância é na no momento em que estão buscando emprego. Um haitiano que chegou ao Brasil em 2013 relata:

Quando eu cheguei no Brasil estava um pouco complicado achar trabalho porque não sabia a cultura dos brasileiros. Isso porque brasileiro não quer contratar pessoa que não fala português. Por isso rm pessoa que foi serviço não acha...tem lugar que não quer pegar haitiano...eu posso falar porque tem Havan, a loja Havan, que não quer pegar os haitianos, tem supermercado Koch. Os haitianos foram lá no Sine procurar emprego. Então, SINE fala que lá nessa empresa tem vaga. Quando haitiano chega lá, vê placa na empresa anunciando vagas, mas a pessoa fala que não tem vaga. Isso é o que acontece (Padilha, 2020).

Diante das manifestações de racismo é de suma importância promover ações de sensibilização contra esta prática que fere a dignidade das pessoas que não são brancas. Mas, também é necessário que havam esforços antirracista quando migrantes brasileiros sofrem racismo nos países que estão vivendo e trabalhado. O caso mais emblemático é do jogador de futebol Vinicius Junior, que acusa a Liga Espanhola de ser conivente com o racismo praticado pelos torcedores espanhóis, que cantam o cnhando de “macaco”. O jogador afirmou: “Não foi a primeira vez, nem a segunda e nem a terceira vez. O racismo é o normal na La Liga.” Na verdade, foram dez episódios nos quais o atleta sofreu racismo. (BBC News Brasil, 2023).

Em Portugal, no ano de 2017, houve um crescimento de 433% nas denúncias de racismo e xenofobia contra brasileiros. Entre os estrangeiros os brasileiros é que mais denunciam a discriminação racial. Diante da xenofobia brasileiras idealizaram um canal de denúncia, no Instagram, 'Brasileiras não se calam'. Uma brasileira relata:

Uma vez fui fazer um treinamento para trabalhar em uma empresa de energia e o supervisor (que era português), dentro do elevador me disse assim: 'o legal é que não precisamos ir lá para escravizar. Vocês que já vêm por conta própria para essa função'" (Barrucho, 2022)

Portanto, conclui-se da migração tem provocado, por um lado, nas sociedades receptoras o crescimento de manifestações racistas e xenófobas porque o corpo negro é percebido um intrometido tanto nos países do Norte quando Sul global, por outro lado, as pessoas negras não são passivas neste processo e apresentam suas estratégias de resistência e denunciam estas práticas tão nocivas para dignidade das pessoas negras em mobilidade.

Referências:

BARRUCHO, L. (06 de maio de 2022). Acesso em 15 de abril de 2024, disponível em BBC news Brasil: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61241139>

BAZZO, G. (2016). Haitianos enfrentam preconceitos e abusos no Brasil. *Exame*. Acesso em 18 de maio de 2022, disponível em <https://exame.com/brasil/haitianos-enfrentam-preconceito-e-abusos-no-brasil/>

BBC News Brasil. (22 de maio de 2023). Acesso em 15 de abril de 2024, disponível em BBC: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c729gydp570o>

Geral. (14 de abril de 2022). *Rádio Band News Fm 96.3*. Acesso em 13 de maio de 2022, disponível em <http://bandnewsfmcuitiba.com/imigrantes-haitianos-denunciam-ato-de-xenofobia-em-escola-de-curitiba>

JOSEPH, H. (2021). La negrización delas migraciones. Em B. M. al, (trans)*Fronteriza: movilidades y diásporas negras en las Américas* (pp. 76-85). Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clasco.

KILOMBA, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. (J. Oliveira, Trad.) Rio de Janeiro: Cobogó.

LONGO, I. (01 de fevereiro de 2022). Imagens fortes: vídeo mostra momento em que congolês Moisés é espancado até a morte. *Forum*. Acesso em 17 de maio de 2022, disponível em <https://revistaforum.com.br/brasil/2022/2/1/imagens-fortes-video-mostra-momento-em-que-congols-mose-espncado-ate-morte-109494.html>

PADILHA, G. B. (2020). *"É amigo que ajuda. Só união, haitiano com haitiano, um ajuda o outro": A arte de tecer redes de solidariedade entre haitianos e haitianas em Itapema (SC)*. Florianópolis: UFSC - Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

SANTOS, W. d. (2016). Intimidação, racismo e violência contra imigrantes e refugiados no Brasil. *Le monde Diplomatique Brasil*. Acesso em 18 de maio de 2022, disponível em <https://diplomatie.org.br/intimidacao-racismo-e-violencia-contra-imigrantes-e-refugiados-no-brasil/>

SILVA, C. R., Magalhães, L. F., & Assis, G. d. (2016). A imigração haitiana nas páginas dos jornais: análise de reportagens da Folha de S. Paulo entre 2010-2015. Em R. Baeninger, D. F. Roberta Peres, S. A. Silva, G. d. Assis, M. d. Castro, & M. P. Cotinguiba, *Imigração haitiana no Brasil* (pp. 639-652). Jundiaí: Paco Editorial.

SOUZA, J. d. (2021). *Como o racismo criou o Brasil*. Rio de Janeiro: Estação Brasil.